

PRÓLOGO

S Tiago, o "**Mata Mouros**", não é o Apóstolo que figura no "Pórtico da Glória", da catedral de Compostela. Mestre Mateo esculpiu-o sentado no mainel que divide o arco central sem qualquer atributo bélico mas apenas munido do bordão de peregrino. O seu rosto exprime grande serenidade ao mesmo tempo que exhibe um pergaminho com a inscrição *Misit me Dominus (Enviou-me o Senhor)*.

A referência ao "*guerreiro destruidor de infieis cujo favor e ajuda os cristãos nas batalhas muitas vezes receberam. . . aos quais aparecia resplandecente em um cavallo branco, armado de armas luzentes e que feria aos inimigos de Christo com uma espada refulgente*"¹, teve origem numa lenda segundo a qual na noite da véspera da batalha de Clavijo, ocorrida em 23 de Maio de 844, o rei Ramiro teve um sonho em que S. Tiago apareceu montado num cavalo branco prometendo-lhe que o ajudaria a vencer os árabes. No dia seguinte a batalha foi ganha pelos cristãos.

A partir daí, a monarquia asturo-leonesa consagrou S. Tiago como patrono na luta contra o invasor² e incrementou o culto ao Apóstolo que se havia iniciado alguns anos antes com o episódio da descoberta do seu túmulo no lugar de Iria Flávia, na Galiza. Este acontecimento teve como figura central um eremita chamado Pelayo vivendo em S. Feliz de Lovio, na Galiza e que contemplou o aparecimento nocturno de 'luminárias' sobre um bosque. O bispo Teodomiro resolveu então indagar e dirigiu-se ao local onde encontrou um pequeno oratório sobre uma arca marmórea que identificou como sendo o túmulo do Apóstolo ali sepultado depois do barco que trazia o seu corpo desde a Palestina onde havia sido morto por Herodes ter dado à costa galega.

O descobrimento do jacente de S. Tiago ou 'inventio' (Mattoso, 1995:315) que se pode situar entre os anos 820 e 834 (idem, idem) justificou a construção de uma igreja sobre o local promovida pelo rei das Astúrias Afonso II, o *Casto*. Outros templos dedicados a S. Tiago se ergueram em todo o noroeste peninsular. É de 862 a dedicação ao Apóstolo da Igreja do Neiva pelo bispo Nausto conforme se pode ler na inscrição existente naquela paroquial. Outras se lhe seguiram e em 1071 após o restauro da Diocese de Braga, 'só na região de entre Lima e Ave, o número de paróquias dedicadas a S. Tiago ascendia a mais de duas dezenas, conforme consta do *censual* da Sé de Braga elaborado nos finais do século XI, podendo-se mencionar

¹ P.e DIOGO DO ROSÁRIO: "Flos Sanctorum" Vol II, Lisboa 1870

² No *Codex Calixtinus* alude-se a um episódio ocorrido nas vésperas da conquista de Coimbra por Fernando Magno, em 9 de Julho de 1064, segundo o qual um bispo grego de nome Estêvão que acompanhava o exército cristão teria admoestado uns fiéis que imprecavam o Santo como 'Santiago, bom cavaleiro', pois que, insistia o prelado esse Apóstolo era pescador e não cavaleiro. O estatuto mesteiral de pescador parece não ter agradado, igualmente ao próprio S. Tiago que, logo Na noite seguinte, apareceria ao prelado e o advertiria severamente dizendo: 'Estevão, filho de Deus, que quisestes que me chamassem não cavaleiro mas tão só pescador, eis que apareço a ti para te advertir que não voltes a duvidar que sou cavaleiro e campeão de Deus, e que vou à frente dos cristãos na sua luta contra os sarracenos' (in SAUL ANTÓNIO GOMES-Coimbra e Santiago de Compostela, 'Revista Portuguesa de História', t. XXXIV (2000), pp. 463).

além de S. Tiago de Neiva, as de de Amorim, Vila Seca, Moldes, Ronfe, Almofães, Nandim, Ninães, Antas, Gavião, Lamações, Priscos, Anha, Gemieira, Aldreu, Arcozelo, Atães, etc.³

Cedo a Europa se começa a interessar também pelo culto de S. Tiago. tomando parte, a partir do séc. X, no movimento de peregrinação ao lugar santo de *Stela Campo* (ou *Campo da Estrela*).

Mas, como refere José Mattoso, 'não eram só as peregrinações a Santiago que atraíam à Hispânia cristãos de além - Pirenéus. O combate, a esperança de partilhar os despojos da guerra, o fascínio pelas terras onde reinavam o luxo e o requinte trazidos do Oriente, nas cidades islâmicas ou nas povoações cristãs do sul, o desejo de transmitir aos monges peninsulares os costumes cluniacences, e de transmitir aos clérigos e fiéis a liturgia e a organização eclesiástica abençoados por Roma tudo isso trazia às terras das Espanhas muitos fiéis, penitentes ou apenas curiosos, muitos cavaleiros e mercadores, muitos monges e clérigos, muitos trovadores e jograis, e também alguns condes, duques ou príncipes, abades ou bispos, mensageiros régios ou legados papais cujos nomes ficaram na História'⁴.

É ainda daquele medievalista a conclusão de que 'a peregrinação a Santiago, sustentando um movimento de circulação e de trocas de pessoas, de ideias de costumes, de conhecimentos e de bens, fazendo de S. Tiago o patrono da luta da Cristandade contra o Islão e portanto o inspirador da expansão da fé, aparece como um pólo dinamizador do grande 'caldo de cultura' que ferve intensamente durante aquela época'⁵.

A qualificação de 'Mata-Mouros' atribuída a S. Tiago apenas perdurou durante a "Reconquista", embora os castelhanos o continuassem a invocar nos seus confrontos com os portugueses que passaram a ter como patrono o S. Jorge "importado" com os archeiros britânicos.

O povo soube interpretar a mensagem de Mestre Mateo no Pórtico da Glória da catedral compostelana. Vestiu-o de peregrino e continuou a prestar-lhe culto em muitas igrejas e capelas⁶, a oferecer-lhe espigas, dedicar-lhe feiras e festas e a

³ JOSÉ MARQUES- O culto de S. Tiago em Portugal e no Antigo Ultramar Português . in 'Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago-Itinerários Portugueses', ed. Xunta da Galicia/CCRN, Porto, 1995.

⁴ JOSÉ MATTOSO – O Tempo Hispânico e a *Inventio* de São Tiago, in 'Caminhos Portugueses de Peregrinação a Santiago. Itinerários Portugueses, ed. Xunta de Galicia/CCRN, Porto. 1995, pp. 318.

⁵ Idem, *ibidem*, pp.324

⁶ Segundo o Prof. JOSE MARQUES o culto jacobeu, no Entre Douro e Minho, está dedicado em 127 freguesias havendo 33 capelas de S.Tiago (in "O culto de S. Tiago no Norte de Portugal", Sep. da Revista "Lusitânia Sacra", 2.ª série, 4 (1992), pp. 99-148:

considerá-lo como 'advogado' para a cura da eripsela, o pé aberto, o ar excomungado e como referência no calendário agrícola:

Em dia de S. Tiago à vinha acharás bago, se não for maduro, será inchado;

Pelo S. Tiago atira o sacho pr' o diabo;

Pela Santa Marinha, despeja o S. Tiago a cabacinha.

Cumpria a promessa de ir a Santiago, porque "quem lá não for em vida ha-de ir lá depois de morto" : "Quando alguém morre sem ter ido a Santiago em vida, a alma dirige-se ao túmulo do Apóstolo pela Via Láctea, que é também conhecida por Estrada de Santiago. Assim enquanto o cadáver estiver em casa é necessário deixar a porta aberta para permitir o regresso da alma" ⁷.

Peregrinava-se a pé, a cavalo ou de barco, quase sempre em grupo: "Ali (Santiago), se dirigem os pobres, os ricos, os criminosos, os cavaleiros, os infantes, os governantes, os cegos, os mancos, os pedintes, os nobres, os heróis, os próceres, os bispos, os abades, uns descalços, outros sem recursos, outros carregados de ferro por motivo de penitência"⁸. Vestidos de "romeira", na qual apunham a "vieira"⁹ e arrimados a um bordão com uma cabaça, os peregrinos que optavam pelo percurso a pé, escolhiam o itinerário mais curto, atalhando sempre que podiam, incorrendo assim no risco de serem assaltados por ladrões muitas vezes disfarçados de peregrinos ou até de eclesiásticos¹⁰. Sujeitavam-se ainda a preços exorbitantes pelas estadias nos albergues, à cobrança de barcagens exageradas, ao "conto do vigário" por vendedores de falsas relíquias, aos roubos por parte de outros peregrinos e a espoliações por prostitutas e rufiões que as acompanhavam¹¹.

Ia-se a Santiago em remissão de pecados, rogar ao Santo boas colheitas, o casamento pretendido, a extinção do "mal ruim", a paz, enfim. Para o camponês medieval o tempo de peregrinar aliviava-o, ainda que, provisoriamente, do quotidiano de sujeição ao senhor. "Nao pagava portagens nem sisas dos bens necessários

⁷ MARGARIDA REBELO CORREIA, Textos organizados para a "Exposição sobre S. Tiago", Museu Soares dos Reis -Porto

⁸: ANA ARRAUZ GUZMÁN:"Los peligros del Camino de Santiago" , "I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela,". Ed. Tavola Redonda, 1992, pp. 138

⁹ O uso da vieira pelo peregrino está explicado na obra *Vidas e paixões dos apóstolos* (Lisboa, 1505) por uma lenda. 'Diz ela que, quando o barco que transportava o corpo de S. Tiago passava ao largo de Portucale, tinha lugar em Bouças um bafordo com que se festejava o noivado dum rico senhor da Maia com uma jovem nobre de Gaia. O cavalo teve então uma fúria e meteu-se pelo mar dentro, onde se iria afogar como o cavaleiro que o montava. Mas foi topar com o barco que transportava o cadáver de S. Tiago e, por milagre, emergiu com a roupa e o cabelo inchados de vieiras, que assim significavam o milagre do seu salvamento e o seu agente salvador. E foi a partir de então que a concha da vieira passou a significar a protecção de S. Tiago' (ABREU, 1993: 21)

¹⁰ I ANA ARRAUZ GUZMÁN –Ob. cit., pag. 138,139

¹¹ Idem, pag. 138,139

durante a peregrinação"¹². Podia usufruir da *"remissão da terça parte da pena devida pelos pecados e a quem morresse durante a viagem, de ida ou de regresso, observadas as condições impostas, assegurava-se-lhe a remissão completa das suas faltas, isto é a indulgência plenária"*¹³. Ocasão, pois, a não perder, ele que vivia atormentado pelas ameaças dos castigos eternos, das excomunhões, etc. Era assistido com atenções e cuidados em albergarias e hospitais. Conhecia terras e gentes. E ao chegar a Santiago, depois de muitos sofrimentos, doenças, roubos, etc, tinha possibilidade de gozar de encantamento ao contemplar o "Pórtico da Glória", onde S. Tiago o recebia rodeado de outros Apóstolos, profetas, e, sobre eles, Cristo como que aureolado por anjos músicos. E uma infinidade de outras figuras, algumas conversando, outras sorrindo, enchem arquivoltas e pilastras sustentadas por monstros. *"Todo o género humano, passado, presente e futuro aparece reunido neste Pórtico de constante actualidade"*¹⁴.

Vendo-o, o peregrino interrogava-se

*"Estarán vivos? Serão de pedra
aqués sembrantes tan verdadeiros
aquelas túnicas maravilhosas
aqueles ollos de vida cheos?"*

(Rosalía de Castro *"Follas Novas"*¹⁵)

o que o levava a tocar, incrédulo, na base da pilastra onde se encontrava adossada a imagem de S. Tiago. Depois, feito da surpresa, outro fascínio o esperava no interior das naves da catedral, assim descrito, no sec. XII, pelo *"Codex Calixtinus"* :

"Causa alegria e admiração o contemplar os coros de peregrinos ao pé do altar venerável de Sant'Iago em perpétua vigília. os teutões, de um lado, os francos de outro, os italianos de outro; estão em grupos, têm círios ardendo nas mãos; por esse motivo, toda a igreja se ilumina como o Sol em dia claro. . . Uns tocam cítaras, outros liras, outros tímboles, outros flautas, charamelas, trombetas, harpas, violas, sanfonas britânicas ou gaulesas, outros

¹² JOSÉ MARQUES: "A Assistência aos Peregrinos no Norte de Portugal na Idade Média" in "I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela", Ed. Tavola Redonda, 1992, pp. 125

¹³ Idem, idem, pp. 126

¹⁴ RAMON OTERO PEDRAYO, "Guia de Galicia" Ed. Galaxia pag. 570 a 577

¹⁵ ROSALIA DE CASTRO – Poesias-Cantares gallegos. Follas Novas en las orillas del sur. Ed. Patronato Rosalia de Castro, 1992, pp.176.

cantando com saltérios, outros acompanhados de diversos instrumentos, passam a noite em claro"¹⁶.

Ao regressar à sua aldeia, vinha mais confortado e conformado com a sua condição de servo, compreendia a vida como uma breve peregrinação. Aceitava melhor o ter de entregar o "foro" pelo amanho das terras do senhor, os "dízimos" à Igreja e até concordava com o pagamento dos "votos" (ou "*vodos*") de S. Tiago, "*que já vinham do tempo do Rei Ramiro: uma medida de pão (1 alqueire) e outra de vinho (meio almude) por cada junta de bois com que lavrasse a terra*"..

Mas já se opôs quando este tributo foi apropriado pela Sé de Braga, no sec. XIII e mais tarde (sec XV) pelo bispo do Porto, pois entendia que só Compostela a eles tinha direito. Era lá que estava o túmulo do Apóstolo, ao qual se havia já dirigido em promessa e sabia bem por quanto ficaria o culto do Santo pois tinha presenciado cerimónias que custariam bom dinheiro. E muito mais . afrontado ficou quando a diocese do Porto resolve aumentar as prestações para quatro alqueires de cereal e dois almudes de vinho a pagar pelos casais habitados e os ermos¹⁷ De qualquer modo e apesar dos protestos e recusas de pagamento pelos lavradores minhotos e durienses, os votos de S. Tiago continuaram a ser recebidos pelos cabidos nortenhos até serem extintos em 1822 pelo Liberalismo.

Enquanto pertenceram a Compostela, os votos ajudaram a manter o culto jacobeu e consequentemente as peregrinações que ocorriam ao túmulo do Apóstolo. Para as servir existia uma complexa rede viária com vários eixos segundo a origem geográfica dos peregrinos. O "Caminho Francês" provinha do Centro da Europa e o "Caminho Português" ligava Santiago à Galiza meridional, ao reino de Portugal, Estremadura, Andaluzia e Mediterrâneo.

Não eram constituídos por uma única via mas por uma multiplicidade de caminhos principais e secundários com várias derivações e incluíam trajectos fluviais e marítimos. Muitos deles tinham traçado e pavimento remontando à romanização e alguns seguiam percursos pre-romanos. Da rede principal pouco existe, pois a sua quase totalidade foi substituída pelo "macadam" do sec. XIX, o asfalto e o tapete betuminoso.

Os caminhos ainda existentes são espaços culturais únicos. Eles marcaram um ritmo no pulsar das comunidades camponesas, permitiram a sua subsistência, as trocas, as relações de vizinhança e o crescimento das urbes. Conheceram tempos de conflito deixando passar exércitos e com eles o sofrimento e angústia.

¹⁶ Liber Sancti Jacobi ou Codex Calixtinus- Livro V (guia do peregrino a Santiago atribuído a Aimery Picaud que o teria escrito entre 1135 e 1140)

¹⁷ ALCINA MANUELA DE OLIVEIRA MARTINS: "Da devoção a S. Tiago à contestação dos votos Jacobeios " in "I Congresso Internacional dos Caminhos Portugueses de Santiago de Compostela" Ed. Tavola Redonda, 1992 pag. 97 a 102

Mas também neles percorreu a festa e a esperança. Deixaram-nos um legado de testemunhos materiais da ocupação humana. Milenares, comunicam com sítios neolíticos- mamoas, antas, dolmens, cromeleques. Atravessam aglomerados castrejos, citânias e "bastides". Servem a "villae", o castelo senhorial, o mosteiro cisterciense. Passam por pontes celtas, romanas e medievais. Conduzem o caminhante ao paço quinhentista, ao solar e igreja barrocos, às paredes da fábrica dos inícios da Revolução Industrial.

Caminhos comunitários, construídos pela entreatajuda, revelando uma engenharia eficiente nos traçados marginando o campo e adoptando soluções simples no atravessamento dos ribeiros pela colocação de grandes lages, pontilhões em madeira ou em pedra com "falso arco". Rectilínios nas chãs ou tortuosos no monte, são pavimentados em terra batida, empedrados ("calçada à portuguesa") e lageados nas subidas ou nas margens dos rios.. A secular passagem das rodas do carro de bois sulcaram-nos e por isso dispõem de "passais" em pedra para o caminhante não se enlamear.

Caminhos murados a pouca altura por blocos sobrepostos, de granito ou xisto ("piçarra"), de diferentes dimensões e aparelho irregular, dispostos horizontal ou obliquamente e "travados" por grandes lages verticais. Outros, mais raros, apresentam-se sob a forma de estreitas "tiras" verticais de granito (muros de "pasta") ou de lages oblongas ("antelas"). São interrompidos por aberturas também diversificadas quanto ao uso e materiais aplicados. Há cancelas em tábuas, em varas e em vime entrelaçado. Servem para dar passagem ao carro ou tractor e podem ser movidas a qualquer momento. Outras só se podem abrir, de longe a longe, e por isso são constituídas por grandes lages fixas ao terreno e entremeadas por pequenas pedras. Há ainda o "portelo das vacas", mais estreito que as cancelas comunicando directamente com o Prado.

Caminhos, corredores de fruição ambiental, de contemplação das paisagens agrárias. sàbiamente construída pelo trabalho camponês : o lameiro das terras altas, o Prado lindado por antelas, o socalco enlaçando a meia encosta, a bouça cercada por muros castrejos, o campo aberto com vedações arbustivas ou marginado por vinha assente em esteios de granito. Descobre-se, então, a velha nora com conduta em pedra para irrigar os campos, a cancela ou portelo em madeira, as medas de palha. e o "espantalho" para afastar a passarada.

Caminhos, percursos da "Via Sacra" entremeados por nichos,. "passos" com as representações da Paixão, "estações" assinaladas com cruces e ao entroncarem apresentam "alminhas" do Purgatório. Lugares mágicos de encantamentos pelas bruxas ou de aparições do lobishomem, da "galinha com bacorinhos", da "porca com frangos" e onde se praticava o feitiço para a cura de moléstia: *"Coze-se num púcaro novo um sapo, alecrim, trevo de três folhas, pena de galo preto, arruda e aipo; juntar três pedras de sal e levar tudo à meia noite a uma encruzilhada e dizer: "Aqui deixo este*

púcaro, por causa das maleitas e mal d'artificio que vem comigo, S. João Batista." Voltar para casa sem olhar para trás, caso contrário, não tem virtude" ¹⁸.

Caminhos, protegidos pela "Senhora do Caminho", que vão ter à paroquial em cujo adro o cruzeiro ostenta o Crucificado mas também o relógio de sol. Nos seus degraus descançamos. Depois subimos por uma congosta coberta de ramada e ladeada por muros musgosos no Inverno e floridos na Primavera. Entre as suas pedras, uma "farmácia": "erva de S. Roberto", para os males do estômago: a agrimónia ou "erva-hepática", para o fígado; a dedaleira ou "troques", para o coração, o diurético "dente de leão"; a hera trepadora para as queimaduras ; a macela, para os espasmos e insónias ; a "sempre noiva", para as hemorragias e diarreias. "Portas carrais" em chapa azul ou verde com as iniciais do lavrador, ou em madeira de carvalho com batentes e espelho em ferro forjado, dão acesso ao "quinteiro", à casa de habitação sobradada e alpendrada, à eira com sequeiro e espigueiro. Galinhas com seus pintos à solta. Passa um rebanho chocalhando e a seguir uma manada de bois dirigindo-se, sòzinhos, para os currais. Ouvem-se estalidos. O lavrador poda as vinhas.

Caminhos ainda com vida!

Descemos ao ribeiro pelo tortuoso carreiro e encontramos a ruína do moinho, da azenha, do engenho de serrar, o lavadouro, os "alfaiates" à tona da água, a libélula esvoaçando.. O ruído do açude apressa-nos a descobri-lo e é um contentamento atravessar as águas pelas poldras ou pontilhões.

Este peregrinar ainda hoje é possível nos caminhos do Alto Minho.

¹⁸ LEITE DE VASCONCELOS: "Etnografia Portuguesa", Ed. Imprensa Nacional/Casa da Moeda